



**A EMERGÊNCIA DE UM OLHAR CRÍTICO E INTER-RELACIONAL
PARA AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS EM ÂMBITO ESCOLAR**
Sustentabilidade e Educação

Thaís Presa Martins¹

RESUMO

Hoje, discursos em prol da sustentabilidade operam por meio de inúmeros aparatos culturais: programas de TV, propagandas, rótulos de produtos, jornais, revistas, páginas da Internet, legislações, etc.; figurando como uma das questões mais amplamente aceitas pela sociedade Ocidental, nas mais diversas instâncias. O tema agrada, ao mesmo tempo, a políticos, empresários, e ambientalistas das mais diversas nuances de posicionamento político-ideológico... Mas como? Mas por quê? Ao formar um tripé entre ambiente, sociedade e economia, a sustentabilidade parece ser uma estratégia interessante para que se possa pensar em outros caminhos de desenvolvimento mais "consciente" dentro de uma lógica econômica capitalista e de um planeta com número limitado de recursos naturais. Nesta perspectiva, o *Projeto Práticas Sustentáveis* pode ser construído, em 2017, no Colégio Nossa Senhora da Glória, onde leciono, começando a ser desenvolvido com os alunos do Ensino Médio durante as aulas de Biologia. Este projeto, pautado por ferramentas teórico-metodológicas das Pedagogias Culturais e do Ensino Híbrido, objetiva desenvolver um raciocínio complexo e inter-relacional em relação às questões socioambientais; bem como propor ações, medidas e mudanças de postura em prol da sustentabilidade em âmbito escolar. Em 2018, o trabalho conquistou mais espaço e relevância, passando a integrar a modalidade de projeto guarda-chuva e permanente do colégio, ramificando-se em outras ações e em outros níveis de ensino, contribuindo para a constituição da autonomia, da criticidade e dos valores éticos dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Sustentabilidade. Pedagogias Culturais. Ensino Híbrido.

INTRODUÇÃO

Discursos em prol da sustentabilidade operam em nosso cotidiano por meio de inúmeros aparatos culturais: programas de televisão, vídeos e anúncios publicitários, rótulos de produtos, filmes, jornais, revistas, livros, páginas da Internet, legislações, etc.; figurando como uma das questões mais amplamente aceitas pela sociedade Ocidental, nas mais diversas instâncias sociais. O tema agrada, ao mesmo tempo, a políticos, empresários, ambientalistas, e ecologistas, das mais diversas nuances de posicionamento político-ideológico... Mas como? Mas por quê? Ao formar um tripé entre ambiente, sociedade e economia, a sustentabilidade parece ser uma estratégia interessante para que se possa pensar em outros caminhos de desenvolvimento mais "consciente" dentro de uma lógica econômica capitalista e de um planeta com número limitado de recursos naturais.

¹ Doutoranda e Mestra em Educação em Ciências pela UFRGS. Bióloga e Especialista em Gestão da Qualidade para o Meio Ambiente pela PUCRS. Profa. Titular de Biologia do Colégio Nossa Senhora da Glória. E-mail: tpmmartins@gmail.com



Nesta perspectiva, o *Projeto Práticas Sustentáveis* pode ser construído, em 2017, no Colégio Nossa Senhora da Glória, começando a ser desenvolvido com os alunos do Ensino Médio durante as aulas de Biologia, sob minha responsabilidade. Este projeto, pautado por ferramentas teórico-metodológicas das Pedagogias Culturais e do Ensino Híbrido, objetiva desenvolver um raciocínio complexo e inter-relacional em relação às questões socioambientais em âmbito escolar; bem como propor ações, medidas e mudanças de postura em prol da sustentabilidade. Em 2018, o trabalho adquiriu mais espaço e relevância, passando a integrar a modalidade de projeto guarda-chuva e permanente, ramificando-se em outras ações e em outros níveis de ensino, contribuindo para a constituição da autonomia, da criticidade e dos valores éticos dos estudantes.

EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: A POTÊNCIA DAS PEDAGOGIAS CULTURAIS E DO ENSINO HÍBRIDO NA ESCOLA

As preocupações com as questões ambientais vieram à tona após o fim da 2ª Guerra Mundial, quando o ser humano passou a dimensionar o seu poder de destruição tanto da própria espécie quanto do meio como um todo. Outro marco histórico de tais inquietações foi a publicação do livro *Primavera Silenciosa* (1962), que reverbera até hoje como uma referência sobre o potencial de devastação do ambiente e da saúde decorrente do uso de agrotóxicos (CARSON, 2010). No entanto, tais discursos do chamado movimento de contracultura ecologista instalaram-se com força, disseminando-se e espraiando-se de modo global durante as décadas de 1960-70; sendo considerados “promotores da ideia de catástrofe ambiental e como prognósticos de uma necessária inversão radical nos nossos estilos de vida e hábitos de consumo, pois a vida no planeta estaria, [...], em perigo” (GUIMARÃES; SAMPAIO; ZANCO, 2015, p. 25). Apesar de ser possível mapear alguns princípios “educativos” que deveriam nortear a constituição das futuras gerações nos discursos do movimento, fazia-se necessário enfatizar mudanças de postura, de ações, de valores e de modos de pensar:

[...] seria somente nos anos 1980 que a Educação Ambiental emergiria como um campo de saberes e práticas, mesmo que se reconheçam os anos 1990 como aqueles em que foram mais notáveis sua consolidação e crescente institucionalização no Brasil. A Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992, é considerada um



marco do início da sua expansão. Como nos mostra Marcos Reigota (1998), desde meados dos anos 1990 proliferaram consideravelmente as teses de doutorado, as dissertações de mestrado, as monografias, bem como os livros e artigos em revistas científicas sobre Educação Ambiental. Ampliaram-se, inclusive, os cursos de formação na área oferecidos por empresas, órgãos governamentais, Universidades e Organizações Não Governamentais. Os primeiros Fóruns Nacionais de Educação Ambiental ocorreram também nessa década. Pode-se dizer, então, que todos esses processos vão, ao mesmo tempo, fornecer maior visibilidade e consolidando uma educação que, agora, passa a ser, também, qualificada como ambiental (GUIMARÃES; SAMPAIO; ZANCO, 2015, p. 27).

Desde então, a presença da Educação Ambiental (EA) na Educação Básica Brasileira bem como na formação de professores, é mediada por uma série de documentos oficiais² que desempenham um papel relevante no desenvolvimento do campo e em sua inserção nas práticas escolares. Ao mesmo tempo, diversos estudos ressaltam a fragilidade dessas ações, que, muitas vezes, ocorrem de forma paralela ou pontual e não de maneira multi/inter/trans/a-disciplinar atrelada aos conteúdos centrais (WUTZKI; TONSO, 2017). Assim, podemos dizer que a EA é um campo em constante processo de (re)construção, repleto de possibilidades temáticas a serem abordadas, e que nos convida a lançarmos um olhar crítico para o que parece dado como certo ou inquestionável. Hoje, as preocupações socioambientais são numerosas e diversas, abrangendo questões de diferentes ordens. A superpopulação humana; a destruição e a degradação de habitats; a biopirataria; a introdução de espécies exóticas; a emissão de gases causadores do efeito estufa; o descarte inadequado de resíduos e de rejeitos; os testes com e o manuseio de seres vivos; a desigualdade na distribuição de renda e de alimentos; a proliferação de doenças virais (tais como o Zika vírus), dentre tantos outros exemplos, revelam os efeitos das intervenções humanas realizadas de maneira excessiva e/ou equivocada (MARTINS, 2016).

A partir desta perspectiva da qual sigo apropriando-me como Doutoranda; dos aprendizados e das experiências que tive como estudante, estagiária, pesquisadora de Iniciação Científica e de Mestrado, e das práticas docentes que realizei como estagiária docente nos níveis de Ensino Fundamental anos finais, Médio e Superior, assumi o cargo de Professora Titular nesta escola católica, da rede privada, do município de Porto Alegre, RS, Brasil. Iniciei a minha atividade profissional, neste contexto, como responsável por ministrar a disciplina de Biologia para o Ensino Médio, em fevereiro de 2017, sendo uma de minhas

² Dentre os documentos oficiais que norteiam o campo e as práticas da Educação Ambiental no Brasil, cito: Constituição Federal (CF); Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA); Base Nacional Comum Curricular (BNCC).



atribuições dedicar-me ao tema da Sustentabilidade – aqui, fortemente atrelado à minha disciplina –, visto que o mesmo passava a adquirir um lugar importante, como um dos valores educativos/empresariais da rede de escolas a qual integro. Desde então, prezei por abordar as questões socioambientais, pelas quais me interesse e as quais dedico os meus estudos acadêmicos, de maneira gradativa e contínua com os estudantes.

Em 2017, após uma análise pelo corpo docente e pela supervisão sobre o desempenho dos alunos do Ensino Médio no Simulado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), realizado pelo colégio em 2016; os educadores foram incumbidos de elaborar oficinas de atividades interdisciplinares sobre tópicos da prova em que os discentes apresentaram mais erros, subentendendo-se que esses corresponderiam as suas maiores “lacunas de conhecimento”. Em Biologia, a maior dificuldade apresentada em conteúdos pela 3ª série do E.M. foi acerca de Ecologia, sobretudo, em questões que envolviam não só a Área de Ciências da Natureza, mas sim a exigência de um raciocínio interdisciplinar. A par disto, planejei uma oficina envolvendo a disciplina de Sociologia, intitulada: *“Desastre de Mariana/MG, Febre Amarela e Bioma Mata Atlântida: a emergência de um olhar integrado para as questões socioambientais”*; pois pretendia estimular o pensamento crítico dos alunos, a partir de um acontecimento notório a todos – a maior tragédia socioambiental da história do Brasil. Na ocasião, eu e o professor de Sociologia fizemos provocações aos discentes, por meio de charges sobre o impacto ambiental do rompimento da barragem de minério em Mariana/MG, com relação aos níveis tróficos do local; de fotografias antes e após a tragédia; de relações de causa e consequência em desequilíbrios ambientais; e da “coincidência” entre a área afetada pelos rejeitos de minério, seus efeitos para o ambiente e o subsequente surto de febre amarela com predomínio na região sudeste do País. Além disso, foram mencionadas e discutidas explicações sobre a Legislação Ambiental Federal; o processo de gestão integrada com prevenção de riscos em empresas; a fiscalização e a renovação de licenças ambientais para o funcionamento deste tipo de empreendimento; a responsabilidade socioambiental que a empresa Samarco/VALE deveria ter perante à sociedade; bem como o julgamento e o pagamento de multas/punições envolvidos na tragédia. Questões concernentes à biologia da doença febre amarela – ciclos urbano e silvestre, agentes transmissores, formas de contágio e de prevenção, dentre outros – também foram abordadas, pela Bióloga Dra. em Zoologia Susi Missel Pacheco, a meu convite. Em um segundo momento, solicitamos que os estudantes



realizassem pesquisas sobre o que foi debatido e elaborassem, em grupos de quatro a cinco integrantes, *blogs* na Internet sobre o tema.

A fim de começar a instigar a 1ª série do E.M. a pensar sobre “sustentabilidade”, fiz provocações a partir do vídeo “*A História das Coisas*” (LEONARD, 2007). A partir dele, discutimos sobre questões socioambientais, “natureza”, biodiversidade e noções de sustentabilidade; produtos, serviços, rotulagens, certificações e marcas que se dizem “eco”, “verdes”, “naturais”. Mencionei que discursos em prol da “natureza” foram ingressando na ordem do dia em diversas instâncias e práticas sociais, vindo a atuar como potentes diferenciais para a venda de produtos pela mídia, particularmente, pela publicidade. Assim, novos nichos de mercado, novas categorias de produtos e novos valores empresariais foram sendo construídos, constituindo um novo perfil de sujeitos consumidores: os “sustentáveis” ou socioambientalmente “corretos”. Nesta direção, questionei com os estudantes como e de que lugar a linha de produtos Natura Ekos da empresa Natura Cosméticos fala sobre a “natureza” para atingir e formar sujeitos consumidores “sustentáveis”, a partir de seus vídeos publicitários. Para tanto, lancei mão das Pedagogias Culturais como estratégia teórico-metodológica, entendendo que: a) a mídia exerce um papel eminentemente pedagógico, ao passo em que (in)forma os sujeitos sobre o mundo; b) a publicidade é uma das principais forças de moldagem dos pensamentos e dos comportamentos; c) os anúncios publicitários utilizam-se de inúmeras estratégias para ensinar sobre a “natureza” – formando sujeitos consumidores de produtos “biodiversos” e “sustentáveis”, obtendo lucro financeiro com a construção de uma imagem “verde”. Estes anúncios publicitários ensinam-nos certos modos de pensarmos, estarmos, sentirmos e agirmos em relação à “natureza”. Os vídeos têm a finalidade de educar os sujeitos consumidores socioambientalmente “corretos” construindo o entendimento de que os mesmos são produto da “natureza”, de que os produtos Ekos também são esta “natureza” e de que, portanto, adquirir e consumir os produtos Natura Ekos é pertencer a esta “natureza” veiculada. A campanha utiliza-se de estratégias publicitárias dinâmicas (sons, imagens, cores, enunciados, movimentos) para construir aquilo que quer mostrar para o espectador: a indissociável relação entre o homem e a “natureza”. Ekos comercializa uma visão de “natureza” como sinônimo de “essência” e de “(re)conexão” consigo e com o planeta; uma “natureza” estética, ética e moralmente benéfica, que deve ser buscada, preservada e cuidada ao se consumir os seus produtos produzidos com os bens



“naturais” da Amazônia. Nesta perspectiva, frizei a importância de desenvolvermos um alfabetismo crítico em relação à mídia, para que possamos (re)pensar a separação entre homem e “natureza” (MARTINS, 2016).

Em um segundo momento com a 1ª série, durante a II Semana do Meio Ambiente do Colégio, abordei a temática do lixo em três realidades diferentes: 1) o consumo/consumismo apresentado em fotografias de usinas de triagem de resíduos sólidos nos EUA – com uso de óculos de realidade 3D da Google; 2) a destinação de lixo orgânico e reciclável na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil – a ser pesquisada e apresentada em uma produção textual; 3) a coleta seletiva de resíduos sólidos em nossa Instituição de Ensino – atividade desenvolvida por meio de um *tour* pela escola, guiado pela Diretora, que explicou todas as etapas do processo até a venda destes materiais recicláveis para a sua conversão em valor monetário com subsequente compra de produtos alimentícios não-perecíveis e de produtos de higiene e limpeza, que são destinados ao Lar Santo Antônio dos Excepcionais anualmente há mais de duas décadas.

A partir destes movimentos embrionários para uma discussão e um pensar sobre questões relativas ao ambiente e à sociedade de modo mais crítico, pode vir a ser construído o *Projeto Práticas Sustentáveis* do colégio, durante o terceiro trimestre letivo de 2017, com a então 1ª série do E.M. Como ações do projeto, inicialmente, os estudantes elaboraram uma redação sobre o tema da sustentabilidade, visto que as questões socioambientais e os conteúdos de Ecologia figuram entre os mais exigidos pela Área de Ciências da Natureza do ENEM (G1, 2018). Depois, os educandos passaram à fase de pesquisas na biblioteca (revistas, livros, artigos científicos), na Internet (*sites* de notícias e reportagens), e na área da escola como um todo (fotografando, medindo, filmando, e entrevistando funcionários, professores, pais, alunos e ex-alunos), a fim de poderem ter subsídios para propor medidas e ações para a melhoria escolar. No final do ano, os discentes entregaram os seus estudos em formato de vídeo documentário, realizado em grupos, contendo informações acerca dos seguintes eixos temáticos requeridos: água, energia, resíduos sólidos, áreas verdes, conforto térmico, espaços de convívio/bem-estar, cultura/ética/valores.

Em 2018, o trabalho sobre práticas sustentáveis relatado conquistou mais espaço e relevância, passando a integrar a modalidade de projetos guarda-chuva e permanentes do colégio, ramificando-se em outras ações. Primeiramente, a 1ª série realizou uma atividade



semelhante a que foi feita com os alunos deste nível no ano anterior, até a etapa do vídeo “A História das Coisas”. Na sequência, solicitei que os educandos pensassem em diferentes tipos de produtos e em todo o ciclo de vida dos mesmos – extração dos recursos naturais, processamento e industrialização dos mesmos, venda/consumo, e descarte –, e elaborassem um esquema deste processo. Depois, requeri que os alunos confeccionassem jogos pedagógicos sobre sustentabilidade, a serem aplicados com os estudantes do Ensino Fundamental anos finais, a fim de que os mesmos pudessem aprender sobre questões ambientais de forma lúdica. Atualmente, os discentes estão estudando sobre Bioquímica e desenvolvendo o projeto “Bem Viver: alimentação saudável e atividade física”, observando e analisando rótulos de alimentos para as nossas próximas atividades. No terceiro trimestre, eles produzirão textos para o jornal do colégio (o Glória Repórter), e peças publicitárias – relacionando práticas alimentares saudáveis e atividade física às questões de sustentabilidade, por exemplo: o caso do consumo de alimentos que precisam ser transportados por longas distâncias, acarretando em maior emissão de gases poluentes.

A 2ª série do E.M., por sua vez, tendo participado das atividades mencionadas, em 2017, começou o ano pensando sobre o surto de febre amarela no Brasil, em um projeto chamado “(Re)lendo o surto de febre amarela no Brasil”. Inicialmente, conversamos em círculo sobre as dúvidas que eles apresentavam a respeito da doença. Depois, eu trouxe notícias e reportagens da Fiocruz, do Ministério de Saúde, da Secretária de Saúde do Rio Grande do Sul, dentre outras fontes confiáveis, que abordavam: agentes transmissores; formas de contágio; ciclos urbano e silvestre; modo de funcionamento da vacina; áreas de risco; grupos de risco; sintomas; diagnóstico, etc. Cada conjunto de alunos ficou responsável por ler e analisar criticamente o seu texto e, posteriormente, apresentá-lo e discuti-lo em sala de aula. A partir desta dinâmica, solicitei que os estudantes elaborassem peças de teatro sobre o que haviam aprendido, intituladas “De onde vem a febre amarela?”, em um formato semelhante ao apresentado pela série de vídeos “De onde vem?” (TV ESCOLA, 2002). No momento, as 2ªs séries estão estudando sobre Ecologia e produziram um questionário para podermos calcular a pegada ecológica dos estudantes do Ensino Médio da escola. Ao longo do terceiro trimestre, eles farão uma análise dos dados obtidos, verificarão qual é a categoria de maior impacto ambiental entre os alunos, e proporão medidas e ações para minimizarmos estas alterações no meio em nossa realidade escolar.



Nesta perspectiva, o processo de ensino das “vivências sustentáveis” relatadas alinha-se não só à proposta metodológica das Pedagogias Culturais mas também a do Ensino Híbrido – também conhecido por *blended learning*. Este corresponde a uma das maiores tendências em Educação no século 21, promovendo uma mistura entre o ensino presencial e as propostas de ensino *online*³; ou seja, integrando a Educação à tecnologia, que permeia tantos aspectos da vida dos estudantes. O ensino híbrido é uma mistura metodológica que impacta a ação do docente em situações de ensino e a ação dos discentes em situações de aprendizagem (NOVA ESCOLA, 2015). Nas salas de aula que se utilizam deste método, os educadores transformam-se em facilitadores da aprendizagem. Em outras palavras, ao invés de meramente ministrar “palestras”, eles transferem parte desse trabalho aos recursos da Internet, a fim de gerirem o seu tempo de maneira mais produtiva (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2018).

SOBRE COLHER ALGUMAS IDEIAS E PLANTAR OUTRAS...

Entendo que o Ensino Híbrido, ao combinar estratégias analógicas e digitais síncronas e assíncronas permite-nos ampliar o leque de possibilidades de ensino e de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Assim, as Pedagogias Culturais operam como ferramentas teórico-metodológicas complementares para podermos trabalhar as questões socioambientais para além dos muros da escola. Após a análise dos materiais elaborados pelos estudantes e dos relatos dos mesmos ao longo deste um ano e meio como professora de Biologia do Ensino Médio, a impressão teórica positiva que tinha em relação às metodologias citadas pode ser confirmada na prática.

A oficina de atividades interdisciplinares para o ENEM descrita, teve como pretensão de habilidades a serem desenvolvidas as seguintes: 1) pesquisar sobre as características ecológicas dos biomas brasileiros, o desastre socioambiental ocorrido em Mariana/MG (05.11.2015), e o surto de febre amarela no Brasil na ocasião; 2) indicar e analisar evidências científicas que apontassem para uma possível inter-relação entre o surto de febre amarela e o desastre socioambiental ocorrido em Mariana/MG; 3) desenvolver os raciocínios lógicos

³ Ressalto que em todas as atividades aqui mencionadas foi utilizada a plataforma digital *Google Classroom*, para avisos gerais com instruções, esclarecimentos de dúvidas, dicas de referências, lembretes de prazos, bem como para o envio dos materiais produzidos pelas turmas.



ecológico e verbal, e a leitura crítica em relação aos textos midiáticos. Nos *blogs* produzidos, os estudantes desenvolveram um espaço para escrever e trazer outros tipos de textos (fotografias, charges, ilustrações, gráficos, tabelas, indicações de vídeos documentários, trechos de entrevistas com os sujeitos diretamente afetados pela tragédia, etc.) sobre o que pesquisaram e entenderam em um olhar integrado para o desastre socioambiental em Mariana/MG, o bioma Mata Atlântica e o surto de febre amarela no Brasil. Foi uma grata surpresa deparar-me com trabalhos feitos com tanta dedicação, criatividade, rigor de informações científicas, e com uso de boas fontes de referências. Dentre os relatos das turmas, os mais prevalentes durante a proposta da oficina foram reclamações em relação à quantidade de informações a serem pesquisadas e interligadas, e à pontuação do trabalho ser baixa para compor a nota do trimestre. Após a conclusão, as falas foram diferentes, a grande maioria disse: *“foi um trabalho trabalhoso, mas que nos fez aprender bastante, ter uma visão mais crítica e complexa sobre as questões ambientais e que, no fim, gostamos de fazer”*.

Durante a II Semana do Meio Ambiente do Colégio, em junho de 2018, realizamos outras ações do *Projeto Práticas Sustentáveis*, dentre elas: a) palestra com a Nutricionista Doutoranda em Genética, Bruna Bento, acerca de alimentação saudável (distúrbios de imagem corporal; transtornos alimentares; dietas da moda; uso de anabolizantes; opções de refeições saudáveis; etc.); que ajudou a provocar e a alertar os discentes em relação aos seus hábitos alimentares e práticas de atividades físicas; b) mostra e premiação dos melhores vídeos documentários sobre práticas sustentáveis na escola, elaborados pela 1ª série E.M. em 2017; neste momento, ficou clara a postura protagonista e a satisfação dos estudantes premiados, ao mesmo tempo em que seus trabalhos passaram a servir como referência de qualidade de pesquisa, de comprometimento e de criatividade para os estudantes da atual 1ª série E.M.; c) mostra dos vídeos com as peças de teatro *“De onde vem a febre amarela?”*, produzidos pelos alunos da 2ª série E.M.; prestou-se a sua proposta, que era ensinar aos discentes do Ensino Fundamental anos finais acerca da febre amarela de maneira atrativa e divertida; d) aplicação dos jogos pedagógicos sobre sustentabilidade produzidos pela 1ª série E.M. para o Ensino Fundamental anos finais; operou como uma maneira lúdica para a aprendizagem por meio da brincadeira sobre tópicos relacionados às questões socioambientais. Sendo assim, penso que o projeto sobre sustentabilidade tem se prestado aos seus objetivos principais, ao propiciar o desenvolvimento de um raciocínio complexo e inter-



relacional em relação às questões socioambientais aos jovens; bem como auxiliá-los a propor ações, medidas e mudanças de postura em prol da sustentabilidade para diferentes níveis de ensino em âmbito escolar.

Nesta direção, ao *analísarmos imagens criticamente* poderemos tornar-nos mais resistentes a imposições de determinadas atividades, papéis e posições de sujeito consideradas “naturais”, “boas” e “satisfatórias”. Não existe uma única maneira de ler imagens e a definição de sua interpretação provém, justamente, desta diversidade. Faz-se importante que os educadores propiciem um *alfabetismo crítico em relação à mídia* e de determinadas competências em relação à leitura crítica de imagens. Tal proposição objetiva constituir uma leitura de mundo que contribua para tornar os sujeitos mais autônomos, tornando-se cidadãos mais ativos, competentes e motivados para se envolverem em processos de transformação social. Ler imagens criticamente envolve tanto aprender como apreciar, decodificar e interpretar, quanto analisar a forma como elas são constituídas e operam em nossas vidas, e o conteúdo que elas comunicam. Assim, compreendo que os valores atribuídos pelos indivíduos sejam um fator importante no processo de recepção das mensagens das imagens e dos anúncios publicitários; cada sujeito será interpelado de maneira diferente. Aquilo que é valorizado ou não por determinada cultura é aprendido por meio de vários agentes de socialização, dentre eles: a mídia, os amigos, os pais, e os professores (MARTINS, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto o que foi discutido, considero importante retomar algumas questões iniciais sobre políticas e o espaço da Educação Ambiental no Brasil. A segunda versão da BNCC ao enquadrar a EA em Tópicos Especiais faz uma escolha política, dificultando que a criticidade perante as questões socioambientais venha à tona... A quem interessa esta supressão, esse retrocesso em relação ao debate de temas socioambientais – levando em consideração o que consta na própria Legislação Federal? (ANDRADE; PICCININI, 2017). Enquanto Política Pública Federal que se propõe a servir como base comum a todos os estudantes, de todas as regiões e níveis socioeconômicos deste País, a BNCC não poderia reforçar as abordagens reducionistas presentes em muitas das práticas escolares, e sim propiciar uma compreensão



dos conflitos socioambientais em suas múltiplas dimensões, considerando os princípios e objetivos presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNA), tendo a totalidade como categoria de análise sobre o ambiente e a justiça socioambiental como eixos orientadores (WUTZKI; TONSO, 2017).

Em suma, entendo que a mídia parece constituir-se como uma instância social que produz e que põe em circulação alguns ensinamentos de modo muito mais agradável do que as escolas têm feito; competindo desigualmente com a mesma, não em relação aos conteúdos que veicula, mas ao poder de atratividade que exerce sobre os sujeitos. Qualquer artefato cultural é passível de tornar-se um recurso didático, para que possamos aprender com o que eles têm a oferecer-nos e a ensinar-nos sobre biologia, ciência, natureza, sustentabilidade, etc. Neste sentido, compreendo que as Pedagogias Culturais atreladas ao Ensino Híbrido podem operar como novos horizontes de estudo e como novas perspectivas analíticas para os educadores atuantes em qualquer nível de ensino; sobretudo, para pensarmos de forma crítica acerca dos ditos tomados como verdades que nos interpelam e subjetivam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Carolina Pires De.; PICCININI, Cláudia Lino. **Educação Ambiental na Base Nacional Comum Curricular: retrocessos e contradições e o apagamento do debate socioambiental.** Anais do IX Encontro Nacional de Educação Ambiental. MG: UFJF, 2017. Disponível em: <http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0091.pdf>. Acesso em: 29 de jun. de 2018.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa.** MARTINS, Claudia Sant'Anna (Trad.). 1ed. São Paulo: Gaia, 2010.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **"O ensino híbrido é o futuro da educação", diz especialista.** 21 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/03/o-ensino-hibrido-e-o-futuro-da-educacao-diz-especialista.html>>. Acesso em: 29 de jun. de 2018.

G1. **Ciências da Natureza no ENEM:** veja os assuntos que mais caem e revise questões de provas anteriores. Educação: ENEM 2017. 08 de nov. de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2017/noticia/ciencias-na-natureza-no-enem-veja-os->



assuntos-que-mais-caem-e-revise-com-questoes-de-provas-anteriores.ghml>. Acesso em: 29 de jun. de 2018.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini De.; ZANCO, Janice. Fundamentos de Educação Ambiental. In: **Educação Ambiental e Práticas Pedagógicas Cotidianas**. REIGOTA, Marcos (Org.). SP: São Paulo, Intermeios. 2015. 144p.

LEONARD, Annie. **A História das Coisas**. The Story of Stuff Project. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw>>. Acesso em: 29 de jun. de 2018.

MARTINS, Thaís Presa. **As naturezas de Natura Ekos**: vídeos publicitários constituindo sujeitos consumidores “sustentáveis”. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. RS: UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/143381>>. Acesso em: 29 de jun. de 2018.

NOVA ESCOLA. **Ensino Híbrido**: conheça o conceito e entenda na prática. 27 de out. de 2015. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/104/ensino-hibrido-entenda-o-conceito-e-entenda-na-pratica>>. Acesso em: 29 de jun. de 2018.

TV ESCOLA. **De Onde Vem o Espirro?** 2002. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/video/de-onde-vem-de-onde-vem-o-espirro>>. Acesso em: 29 de jun. de 2018.

WUTZKI, Nathalie Cristina; TONSO, Sandro. **A Educação Ambiental e a 2ª versão preliminar da Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**: uma reflexão sobre a área de Ciências da Natureza. Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. SC: UFSC, 2017.